

# O PADRE QUE ESCAVOU UM CEMITÉRIO DE ÍNDIOS

Reportagem de Ribeiro Pires

**SÃO LEOPOLDO** — O valor de um trabalho de escavação do solo, feito amide em várias regiões do Estado, Santa Catarina e Paraná, é imenso, porém desconhecido do grande público, aquele que não costuma ouvir falar diariamente em arqueologia, sítios arqueológicos, sambaquis, escavações, casas subterrâneas, usos e costumes dos guaranis, tupis, gês etc.

Isso é arqueologia, que pode hoje em dia, ser chamada de "uma ciência da moda", como aliás muito bem definiu o padre Pedro Inácio Sobrinho, diretor do Instituto Anchieta de Pesquisas, que funciona junto às Faculdades de Filosofia, Economia e Direito de São Leopoldo, e catedrático de Antropologia da UFRGS.

## O CEMITÉRIO

Agora, unidos os Estados do Sul no estudo da arqueologia, que procura reconstituir civilizações antigas, pode-se descrever, com riqueza de detalhes, como surgiu, foi descoberto, escavado e pesquisado, o chamado "Cemitério de Índios de Tapera". Em 1960, à beira-mar, a 20 km de Florianópolis, operários retiravam, da orla marítima areia, quando depararam com um esqueleto humano. A notícia correu célere e chamaram o padre Alfredo Rohr, arqueologista, e que desde 1958 afirmava existir naquelas proximidades, um rico sítio arqueológico. Após exames minuciosos, o padre Rohr requereu autorização governamental para a exploração científica do sítio.

De um lado, limitado pelas mansas águas da Baía do Sul, o sítio encosta na outra margem do Rio da Era. Peixes em abundância e água doce no arroio, deram condições de vida ao homem primitivo. Um tipo graúdo de camarão surge em março, podendo ser pescados, se o pescador for um homem hábil, cerca de vinte quilos por

hora. Tudo isso deu ótimas condições de vida aos antigos indígenas que ali habitaram.

## A EXPLORAÇÃO

O trabalho começou a 20 de agosto de 1962, com o levantamento topo-fotográfico. Foi delimitada uma faixa de 24 m de largura e de 2 em 2 metros, na praia, revestiu-se a área com grama e colocaram-se estacas. Operários ajudaram, pagos pelo Governo. A exploração durou 4 anos e meio. Ilustres visitantes ali estiveram, como os Drs. Clifford Evans e Betty Meggers, arqueólogos do Museu Nacional de Washington. Evans levou consigo carvão vegetal recolhido no subsolo e que, submetido à análise rádio-ativa do C-14, revelou ser de 1.525 anos a idade do sítio. Foi escavada uma área superior a 2 mil metros quadrados e, dos 172 esqueletos retirados do solo, 79 eram de crianças. Dezoito estavam adornados com dentes, conchas, chocalhos etc. Foram penetrados mil m3 de terra e recolhidas 8 toneladas de ossadas de peixes, 80 pontas de flechas, tembetás, dentes de cação, 350 objetos de adorno, dentes de mamíferos perfurados, 24 mil fragmentos de cerâmica indígena e 159 machados líticos inteiros. Um fogão indígena foi localizado a 30 cms do solo, com abundante carvão vegetal.

## A MORTALIDADE E A BARBARIE

Entre os esqueletos, 79 eram crianças, o que atesta o alto índice de mortalidade infantil, pois em rudes condições de vida, apenas os mais fortes suportavam os males. Os esqueletos estavam sepultados em covas rasas, em posição horizontal, estendidos ao comprimento e com as mãos junto à bacia, em decúbito ventral, lateral ou dorsal. Se conservaram devido ao lençol compacto de

conchas e terra preta em terreno de leve declive, que dificilmente permitiu às águas da chuva atingir os esqueletos. As crianças eram sepultadas em cova rasa, vivas, pois até hoje existem índios que costumam sepultar a criança sobrevivente junto à mãe falecida.

Por isso, pensa o sacerdote que, em Tapera, dois esqueletos de crianças deixam a suspeita de que foram sepultados vivos, por estarem deitados sobre dois esqueletos adultos.

Mas nem todos os índios de Tapera viveram em paz: um esqueleto possuía uma ponta de flecha cravada na vértebra lombar, após passar o centro da medula espinhal.

Ainda ficou positivado que a maioria dos que lá morreram teve como "causa-mortis", o artrismo crônico, pois os crânios são enrugados e esponjosos, o fêmur apresenta o colo estreitado e as falanges das mãos dão sinais de dedos tortos.

## A CIMENTAÇÃO

Procedida a escavação, que forneceu valiosos subsídios à arqueologia, o padre Alfredo Rohr teve diante de si um problema: como transportar no mínimo alguns dos achados para o "Museu do Homem do Sambaqui", em Florianópolis, fundado por ele próprio?

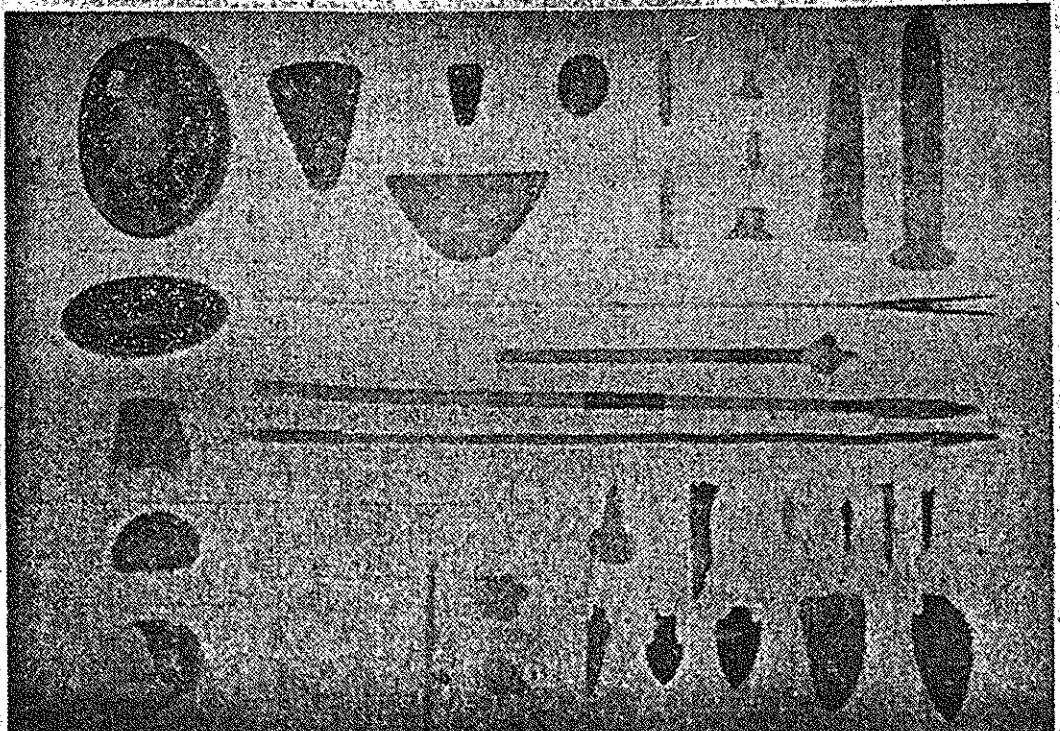
Como as ossadas, frágeis, poderiam não resistir, aplicou o método de cimentação e encaixotamento dos esqueletos. Tomou uma pequena faca de bambu, pois faca metálica arranha os ossos. Muniu-se de um pincel e procedeu cuidadosa limpeza. Enterrou tábuas ao redor de alguns, marcou comprimento e largura do bloco a ser cimentado, formou uma caixa provisória e, com a faca, misturou a terra, o húmus e as conchas com cimento, tendo o cuidado para não deslocar os ossos. Sem ter pressa, misturou bem o cimento com a terra e o húmus, por baixo dos esqueletos, sem prejudicá-los e com arames em série, como se fossem ferros de uma concretagem, porém agora em posições transversais, sem ferir os ossos. Umedeceu a mistura e a socou ao redor dos ossos. Deixou o bloco em repouso durante dois dias e obteve a cimentação.

## O ENCAIXOTAMENTO

O problema maior, porém, é o encaixotamento, especialmente quando o esqueleto é de adulto. O sacerdote preparou a caixa, uniu os lados e o fundo formado por pequenas tábuas, cada uma sendo colocada entre o bloco e a escavação de uma só vez. Terminada a tarefa, procedeu o parafusamento completo, durante essa operação grande número de horas. Mas o esqueleto, encaixotado e cimentado, pode suportar a viagem até o Museu, onde está até hoje, servindo para estudos e pesquisas e contribuindo para o desenvolvimento, cada vez maior da arqueologia, uma "ciência da moda".



Um dos maiores pesquisadores e arqueólogos da América do Sul, o pe. Alfredo Rohr, na foto falando ao repórter, fundou o Museu do Homem do Sambaqui, em Santa Catarina, e escavou o cemitério de índios, em Tapera.



Em solo gaúcho, catarinense ou alagoano, encontram-se armas indígenas. É isso que a arqueologia vem fazendo, efetivando um trabalho valiosíssimo para a nossa história.